

Nação Zumbi e os 30 anos de um álbum incrível

PÁGINA 3



A força criativa de Denise Stutz em duas montagens

PÁGINA 6



Empanada, a iguaria argentina, conquista o Rio

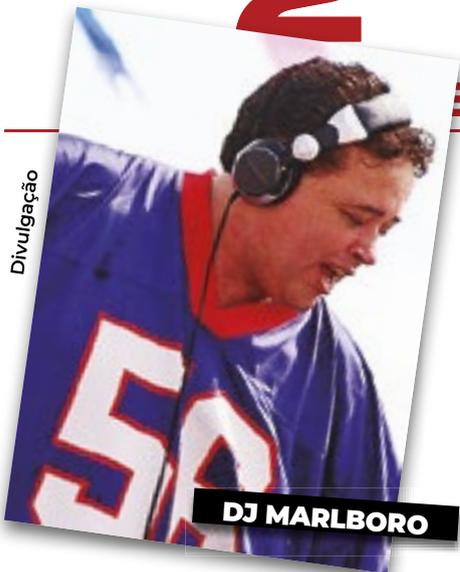
PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

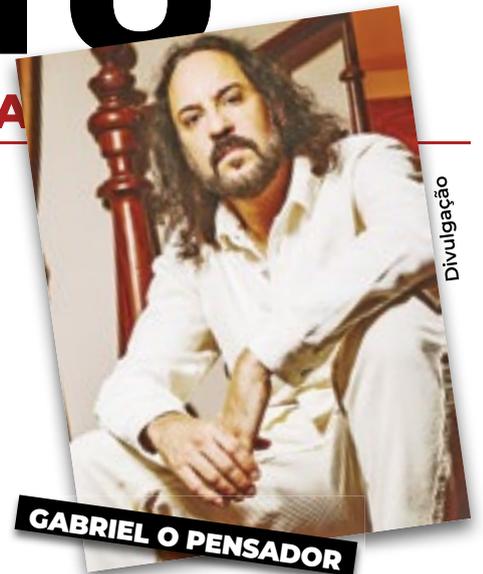
Murilo Alves/Divulgação



DJ MARLBORO



FERNANDA ABREU



GABRIEL O PENSADOR

Festival na Marina da Glória reúne artistas e grupos que moldaram o som do fim do século 20 no Brasil

O MAIS NOVO FESTIVAL DO RIO, O 90'S FESTIVAL, celebra a diversidade de ritmos e estilos do período numa mescla que reúne MPB, rock, soul, funk, axé, reggae e forró. Para os artistas que tiveram seus primeiros hits explodindo na década, o evento será palco para uma viagem no tempo, conduzindo aos primeiros passos na carreira. O festival acontece entre os dias 19 e 21 de julho, na Marina da Glória.

Pioneiro do hip hop brasileiro, Gabriel O Pensador completou três décadas de carreira, cantando nossas mazelas políticas e sociais, alienação, comportamento e crônicas do cotidiano. Já Ed Motta botou para quebrar em 1997, com o álbum "Manual Prático para Festas, Bailes e Afins", mesclando gêneros como rock, blues, soul, funk e jazz em canções como "Vendaval" e "Fora da Lei".

O reggae ensaiava seus primeiros passos por aqui quando surgiu a banda Cidade Negra que, em 1994, convocou Toni Garrido

DE VOLTA AOS 90'S

ED MOTTA



Jorge Bispo



RAIMUNDOS

para ser o vocalista. A partir de sua entrada, o Cidade passou a ter um perfil melodicamente mais pop, mas sem fugir ao universo do reggae. O CD "Sobre Todas as Forças" tornou-se campeão de vendas naquele ano.

O emergente funk carioca dava as caras no fim dos anos 1980 quando Fernanda Abreu foi levada para um baile da pesada. A

Blitz já tinha acabado e a artista começava a delinear sua assinatura no pop nacional ao trazer um show com pegada funkeada e roteiro calcado em sucessos da disco music, gênero desprezado na época. Foi a semente para a valorização da figura do DJ e o sample, usado por ela de forma pioneira no país.

DJ Marlboro surfa a onda da cultura funk carioca desde sempre. Pioneiro do movimento, Marlboro coloca milhares de pessoas para dançar nos bailes espalhados pelo Rio – mas que também já sacudiram Nova York e Londres. Contemporânea de Marlboro, a Furacão 2000 arrasta multidões para seus eventos há mais de 40 anos.

Com hits do funk ao pop, Claudinho & Buchecha saíram da periferia para agitar o cenário musical com canções como "Quero te encontrar", "Nosso Sonho" e "Conquista". Após a perda do parceiro, Buchecha, seguiu levando a alegria da dupla para a década e o milênio seguintes.

Continua na página seguinte

Divulgação



Raiz do Sana

Divulgação



É o Tchan

Divulgação



Detonautas

O rock ganhou novos nomes na década de 1990. Entre eles, O Rappa, banda do vocalista Marcelo Falcão que alçou voos altíssimos a partir do álbum “Rappa Mundi” (1996). Desde 2019 o cantor segue em carreira solo com apresentações em que não esquece que os hits da banda como “A Feira”, “Pescador de Ilusões”, “Me Deixa” e “Minha Alma”.

Canções atemporais são também a marca do Charlie Brown Jr, banda formada por skatistas de Santos liderados por Chorão (1970-2013) que explodiu com clássicos como “Proibida Pra Mim”, “Zoió de Lula”, “Rubão”, “Só os Loucos Sabem”, “Papo Reto” e “Céu Azul”, músicas do repertório do Projeto CBJR 30 anos, comandado por Marcão Brito e Thiago Castanho, fundadores do grupo.

A mistura do rock visceral no estilo Ramones com o forró de duplo sentido deu origem aos Raimundos, que lançou os hits “Eu quero ver o Oco”, “Puteiro em João Pessoa” e “Palhas do Coqueiro”. Numa pegada similar, o CPM 22 surgiu influenciado pelo punk rock e o hardcore, com músicas rápidas e melódicas típicas da cena pós punk californiana.

No final da década, quando a Internet ainda era novidade, a banda Detonautas foi formada a partir de um chat e chegou com o pé na porta. De cara, lançou e emendou sucessos como “Outro lugar”, “Você me faz tão bem”, “Olhos certos”, “Quando o sol se for” e “Retorno de Saturno”.

Na good vibe do reggae, a banda Dread Lion lançou o hit “Oh Chuva!”, que volta a ser cantada pelo grupo no retorno do grupo aos palcos. Com uma levada com pitadas de reggae, retrô, rock e MPB, o baiano Maurício Baía conquistou corações cariocas. Foi um dos organizadores do Festival Sexta Sim, no Teatro de Lona da Barra, que marcou a década e a região.

O Teatro de Lona abrigou também o Farofa Carioca, banda que fechou a década com uma mistura cultural única a partir de

Uma década movida a sucessos

Flávia Charchar/Divulgação



Toni Garrido

Divulgação



Buchecha

Divulgação



Daniela Mercury

sua própria formação, com tantan, tambor, cavaco, flauta, baixo, trombone, violão e vozes inconfundíveis. O grupo extrapolou os limites cariocas com os hits “São Gonça” (Pretinha) e “A Carne”.

Corta para a Bahia, onde, em 92, Daniela Mercury lança o disco “Canto da Cidade”,

encantando o Brasil e o mundo e consolidando o axé como gênero musical. Em seguida foi a vez da Timbalada descer as ladeiras do Candeal, sob as bênçãos de Carlinhos Brown, e revelar a cultura afro-brasileira e sua percussão cheia de suingue em mais uma revolução na música baiana.

O axé music explodiu de vez com É o Tchan, uma das bandas de maior sucesso nacional e internacional dos anos 1990, com dez milhões de discos vendidos. Nascido como Gera Samba nos subúrbios de Salvador, o grupo comandado pelos vocalistas Beto Jamaica e Compadre Washington levou hits como “Pau que Nasce Torto” e “Boquinha da Garrafa” até para o Montreux Jazz Festival, em 1997.

Festivais de forró como o de Itaúnas (ES) espalharam o ritmo nordestino pelo Sudeste afora no início dos anos 90, lançando bandas como Forroçacana, que juntou forró com samba, choro, rock, reggae e música oriental. E o Raiz do Sana se propôs a fundir xotes, xaxados, maracatus e baiões com ritmos e elementos que iam da salsa ao soul.

Em 1990, o manguêbeat agitava o Recife, inspirando o surgimento de Mestre Ambrósio, uma das mais importantes bandas do movimento. Nas mensagens, a importância da diversidade e da valorização da cultura brasileira, dois elementos centrais do manguêbeat, retratados em canções como “Pé de Calçada”, “Se Zé Limeira Sambasse Maracatu”, “Vó Cabocla”, “Fuá Na Casa de Cabral”, “Pescador”, “Coqueiros”, “Sóis” e “Os Cabôco”.

SERVIÇO

90'S FESTIVAL

Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, s/nº)

Abertura dos portões: sexta (19h), sábado (17h) e domingo (15h)

19/7: Gabriel O Pensador, Fernanda Abreu, Ed Motta, Cidade Negra,

Buchecha, Valeska Popozuda, Furacão 2000 e DJ Marlboro.

20/7: Charlie Brown JR, Detonautas, CPM 22, Marcelo Falcão, Raimundos, Dread Lion, Ponto de Equilíbrio, Farofa Carioca e Baía.

21/7: Timbalada, É o Tchan, Daniela Mercury, Raiz do Sana, Mestre Ambrósio e Forroçacana.

A lama que revolucionou a MPB

Nação Zumbi celebra os 30 anos de seu álbum mais emblemático, gravado com Chico Science

Por Affonso Nunes

Um disco histórico - e fundamental - tanto da música brasileira como mundial completa 30 anos em 2024 e ganha uma merecida turnê comemorativa. Nesta sexta (19), a Nação Zumbi chega ao Circo Voador para celebrar em “Da Lama ao Caos”, álbum de estreia da banda, lançado com o genial Chico Science (1966-1997), e que revolucionou tudo no cenário musical. Com uma sonoridade absurdamente inovadora, que mesclava funk, rock, maracatu, embolada, psicodelia e música africana, o trabalho inaugurou o movimento Manguebeat e trouxe ao mundo



Luca Lima/Divulgação

pedradas antológicas, como “A Praieira” e “A Cidade”.

O Nação vem com Jorge Du Peixe (vocal), Dengue (baixo),

Toca Ogan (percussão), Marcos Matias e Da Lua (tambores), Tom Rocha (bateria) e Neilton Carvalho (guitarra) para tocar todas as

faixas deste álbum que ocupa o 13º lugar na lista dos 100 maiores discos da música brasileira da Rolling Stone Brasil e eleito por

um júri do jornal O Globo como o disco de MPB mais importante dos últimos 40 anos.

“Esse disco feito há 30 anos ainda ressoa. Foi gravado numa época em que os indicadores sócio-econômicos colocavam Recife como a quarta pior cidade do mundo. O trabalho foi alçado com essa perspectiva da fertilidade do mangue, da fertilidade cultural de Pernambuco. Suas letras denunciavam essa situação e também falavam da biodiversidade do mangue. Foi um grito importante que levou a nossa sonoridade para o resto do Brasil”, atesta Du Peixe.

SERVIÇO

NAÇÃO ZUMBI | 30 ANOS DE DA LAMA AO CAOS
Circo Voador (Rua dos Arcos/s/nº - Lapa) | 19/7, com abertura dos portões às 20h | Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ana Paula Veríssimo/Divulgação



Catto canta Gal

Com ingressos esgotados para a apresentação deste sábado (20), o Teatro Rival Petrobras abriu data extra na sexta-feira, às 23h30, para o elogiado show “Belezas São Coisas Acesas por Dentro” em que a cantora Filipe Catto faz sua leitura de canções imortalizadas pela inesquecível Gal Costa (1945-2022) como “Tigresa”, “Vaca Profana” e “Chuva de Prata”, assim como pérolas mais recentes, caso de “Recanto Escuro” e “Jabitacá”.

Márcio Monteiro/Divulgação



Nos combates

A cantora, compositora e instrumentista Nilze Carvalho lança nesta sexta (19), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, o aguardado álbum “Nos Combates da Vida”, que celebrando 45 anos de carreira da artista que despontou, ainda menina, como virtuose do bandolim e do cavaquinho. A faixa-título é de D. Ivone Lara, grande referência para Nilze que diz: “Dona Ivone é a minha religião musical e dela sou praticante”.

Divulgação



Lançamento

Nesta sexta-feira (19), às 21h, o Dolores Club terá uma noite dedicada à música alternativa brasileira. A Banda Mais Bonita da Cidade apresenta pela primeira vez no Rio, o seu mais recente trabalho autoral, “O Futuro Já Está Acontecendo”. O novo álbum do grupo paranaense costura o movimento pelo tempo e pelo espaço num voo suave. No repertório, canções como “Oração”, “Uma Atriz” e “Perai”, entre outras.

Divulgação



Sons entrelaçados

A Sala Cecília Meireles apresenta nesta sexta-feira (19), às 19h, dentro da Série Brasil, Antonio Guerra e Quarteto Brasilis com o espetáculo “De Bach ao Baião”. No programa, obras de Bach, Antonio Guerra, Luiz Gonzaga, Dominguinhas, Chico Buarque, Sivuca e Zé Ramalho. O grupo representa a dança entre a música popular e a música de concerto, onde a música pré-escrita e a música improvisada se entrelaçam.

Por Affonso Nunes

Vontade de ficar mais perto do público

Após o enorme sucesso da megaturnê 'Encontro', Titãs entram em modo microfonado no formato trio

Eduardo Knapp/Folhapress



Branco Mello, Sergio Britto e Tony Bellotto apostam em show intimista

Depois do entoso sucesso da turnê Encontro em que os Titãs tocaram em sua formação original de octeto, Tony Belloto, Branco Mello e Sérgio Britto - os membros remanescentes da banda - voltam à estrada no formato trio num show cuja proposta é reconectar o grupo com seu público num show de atmosfera intimista. Trata-se do "Titãs Microfonado", mesmo nome do álbum que eles lançaram com muitas participações especiais.

"Depois do grande sucesso do Encontro, sentimos necessidade de reencontrar nosso público em teatros e voltar a tocar algumas canções importantes que ficaram de fora da turnê com os ex-integrantes", diz Tony Bellotto, que de uns tempos pra cá passou a cantar algumas canções, revezando-se nos vocais com Sérgio Britto e Branco Mello - a alternância de vocalistas sempre ffoi uma marca registrada da banda.

"Os shows elétricos nas grandes arenas são sempre muito bons, mas esse show 'Titãs Microfonado',

concebido para teatros, é muito especial pela proximidade e cumplicidade com o público", explica Branco Mello.

"Fora violões e piano acústico entram também neste show guitarras semiacústicas, piano elétrico e hammond, dando assim maior co-

lorido e diversidade ao espetáculo", adianta explica Sérgio Britto.

Acompanhados por Mário Fabre (bateria) e Beto Lee (guitarra),

o trio apresenta um show primoroso, com direção do consagrado Otávio Juliano e desenho de luz por Guilherme Bonfanti.

No repertório, além de clássicos que não podem faltar em shows da banda, como "Sonífera Ilha", "Epitáfio" e "Flores" e algumas canções que ficaram de fora do Encontro, como "Enquanto Houver Sol", "Isso" e "A Melhor Banda De Todos Os Tempos Da Última Semana".

Os titãs aproveitam para mostrar aos fãs as versões ao vico de canções do álbum "Olho Furta-cor", de 2022, um trabalho ainda ofuscado pela pandemia e que não teve o devido tempo para ser divulgado. Portanto, o grupo deseja mostrar criações recentes como "Apocalipse Só", "Raul" e "Como É Bom Ser Simples", além de muitas outras pérolas do vasto repertório titânico.

SERVIÇO

TITÃS MICROFONADO

Vivo Rio (Av. Infante Dom

Henrique, 85

Parque do Flamengo)

19/7, às 21h

Ingressos entre R\$ 100 e R\$ 400

CRÍTICA / DISCO / ALMAMANEIRA

Um gaúcho bom de música

Por Aquiles Rique Reis*

Foi quando li o que Kleiton Ramil escreveu sobre o trabalho que produziu, "Almamaneira" (independente), terceiro álbum do cantor e compositor gaúcho Leandro Bertolo, que eu me pus a ouvir suas 12 faixas - nove delas em parceria com a poetisa White Hill (Bianca Marini), duas só dele e uma com Marcos Caneda.

Aliás, semanas atrás, conversando com Kleiton, ele me contava sobre o estúdio que construiu em sua casa. Iniciativa que, graças às suas potencialidades técnicas, musicais e profissionais, o deixara entusiasmado.

Retomando. Pelas mãos de três maestros, os arranjos do disco são interpretados por músicos craques em gerar belezas. Dentre outros, lá estão o próprio Bertolo

(violão e voz), Kleiton (vocalizes), Marcelo Martins (sax), Jessé Sadorc (trompete), Eliseu Rodrigues (clarinete), Kiko Freitas (bateria), Gilberto Oliveira (guitarra), João Baptista (baixo), André Siqueira e Fernando Sessé (percussão), Marcio Celli (cantor), Max Garcia (violões de seis e sete cordas), Lucian Krolow (flauta), Fábio Cabellino (cavaco) e Elias Barboza (bandolim).

Pois bem, ao ouvir "Almamaneira", constatei a competência de quem o gravou, mixou e masterizou. Técnicos que souberam captar a intensidade criativa dos arranjos e instrumentistas presentes no estúdio, demonstrando com eficiência a qualidade das músicas



de Bertolo. Vejam algumas.

"Almamaneira" (<https://www.youtube.com/watch?v=tfP17hvzKmQ>), de Bertolo e White Hill): sempre haverá o jeito de a alma nos apontar caminhos iluminados rumo ao nosso destino, conjecturaram os parceiros. A batera dá a partida para o arranjo de Luis Hen-

rique New. O sax vem e entrega o pop jazz balanceado para a voz de Bertolo que está ao violão. O intermezzo de sax, com guitarra e baixo, é lindo. E o sonho dos parceiros tremula vital em ritmo e verso.

"O Ser e o Estar" (Bertolo e Hill). Na letra, a poetisa volta a refletir sobre o mundo atual. Terno e tradicional, o arranjo de Elias Barboza, com percussão, violão, flauta cavaquinho e bandolim, arrasa, e Bertolo tem a chance de demonstrar que também é um bom cantor de samba.

"Perdão" (Bertolo e Hill). O piano inicia o bolero romântico. O arranjo de Luis Henrique New tem a batera suave a conduzi-lo até um lindo intermezzo do sax. Bertolo

canta bonito!

"Samba Maldito" (Bertolo e Marco Caneda) é um ótimo samba-canção, cuja letra é daquelas de se querer cortar os pulsos. O arranjo de Dudu Trentim ganha reforço nos improvisos do violão que embalam a voz afinada de Bertolo.

Nascida em forma de samba, "Era Da Luz" foi composta só por Bertolo num momento em que sua saúde esteve profundamente abalada. No arranjo de Elias Barboza, o clarinete soa perfeito. O violão de sete o acompanha, enquanto flauta, bandolim e cavaquinho agasalham o cantar de Leandro Bertolo, em seu emocionante louvor à vida. Admirável é a vida de quem tem o dom de fazer da música o ofício que pode traduzir a alma presente e futura.

*Vocalista do MPB4 e escritor



VEM VIVER O MAIOR FESTIVAL CULTURAL MULTILINGUAGEM DO PAÍS.

MÚSICA | TEATRO | DANÇA | CIRCO | ARTES VISUAIS | LITERATURA | AUDIOVISUAL

12 A 28 DE JULHO

SÃO MAIS DE 550 ATRAÇÕES EM 24 LOCALIDADES DO ESTADO DO RJ.

MÚSICA

CRÉDITOS ANA LEFAUX



19.7
SEX

CHICO CÉSAR

/// 21H
ENTRADA COM 1KG
DE ALIMENTO*

MÚSICA

CRÉDITO DIVULGAÇÃO



19.7
SEX

CÁTIA DE FRANÇA
50 ANOS DE PISADA

/// 18H
ENTRADA COM 1KG
DE ALIMENTO*

SESC
PUL
SAR

12

TEATRO

CRÉDITO BRUNNO MARTINS



20.7
SÁB

CANDEIA

/// 18H
ENTRADA GRATUITA

SESC
PUL
SAR

MÚSICA

CRÉDITO DIVULGAÇÃO



20.7
SÁB

SANDRA DE SÁ

/// 21H
ENTRADA COM 1KG
DE ALIMENTO*

14

LOCAL:
SESC SÃO GONÇALO

CLASSIFICAÇÃO LIVRE
PROGRAMAÇÃO GRATUITA

*DOAÇÃO VOLUNTÁRIA DE 1KG DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL PARA O PROGRAMA SESC MESA BRASIL RJ.



SAIBA MAIS:
FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR

A PROGRAMAÇÃO PODE SOFRER ALTERAÇÕES SEM NOTIFICAÇÃO PRÉVIA. CERTIFIQUE-SE DOS DETALHES NOS CANAIS DO SESC RJ.

#FESTIVALSESCDEINVERNO



ACESSE A PLAYLIST DO FESTIVAL NO SEU SPOTIFY



ACESSE NOSSAS REDES:



REALIZAÇÃO



Renato Mangolin/Divulgação



Denise e Gui Stutz, filho de Denise, atua no solo infantil 'A Máquina do Tempo'

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta”, assim falou Mario de Andrade sobre um si próprio imaginário. Mas ser trezentos, trezentos e cinquenta, quando se trata da Denise Stutz, diretora, coreógrafa, bailarina, atriz..., esse número chegar a ser pequeno. Jovem, mineira, em 1975 vislumbrou que poderia se ter um ballet que exibisse nossas cores, nossos valores, participou da consagrada fundação do Grupo Corpo.

Agora parceira de Inês Vianna, Denise já fez outras duplas. Com Lia Rodrigues como bailarina, professora e assistente de direção, professora do curso técnico da Escola Angel Viana durante seis anos. Trabalhou como coreógrafa dos trabalhos de Luiz Fernando Carvalho. A partir de 2003 começa a desenvolver seu próprio trabalho solo, se apresentando nas principais capitais do Brasil, na França, Espanha, Portugal, África e Austrália. Seus trabalhos solos - “DeCor”, “Finita” e “Entre Ver” - foram premiados e aclamados.

Denise fala com exclusividade para o Correio da Manhã sobre seus dois trabalhos em cartaz: “Perigosas Damas” e “A Máquina do Tempo”, um nonólogo infantil com atuação de seu filho, Gui Stutz.

Como dirigir duas peças tão diferentes, uma adulta e outra infantil?

Denise Stutz - Cada peça é um universo em si, e toda vez que me chamam para dire-

Denise Stutz, a destemida

Diretora, coreógrafa, bailarina e atriz assina a direção de dois monólogos em cartaz na cidade, um adulto e um infantil

João Saidler/Divulgação



Geovana Pires atua no monólogo 'Perigosas Damas'

ção preciso conhecer e entender as questões, os desejos das pessoas e daquele mundo que vou habitar por um tempo. Quando entro no universo infantil é diferente porque tento me transportar e lembrar do que eu era, e atravessar o tempo com que meu filho foi e hoje com o que meus netos são. E aí entender como trazer a memória do meu universo de

criança para o mundo atual. É mesmo uma viagem no tempo.

A adulta tem um corte racial, a parceria com a música, como foi o processo?

“Perigosas Damas” é sobre a liberdade feminina a partir do início do sistema prisional brasileiro, nos meados do século XX as mu-

lheres eram encarceradas em manicômios, conventos presídios por serem sexualizadas, lésbicas, extrovertidas, inteligentes, praticarem cartomancia, terem repulsa sexual ao marido. Foi um processo intenso e muito bonito. Estava junto com Soraya Ravenle, que foi a diretora assistente, companheira, parceira e a gente conversava muito sobre cada dia, cada momento do processo. Elisa Lucinda que é uma gênica, seus poemas, sua escrita, suas palavras são flechas certeiras e Geovana Pires me fez o convite para esse projeto, que era uma tese, uma escrita que defende e afirma certezas. O desafio foi trazer uma narrativa poética então veio a música, o rap e o funk trazendo a história da Geovana que vem da periferia e é uma atriz com uma escuta muito rara e generosa.

E como é dirigir o filho?

Gui e eu já trabalhamos juntos em várias peças, os dois em cena, mas isso faz tempo. Eu nunca tinha dirigido ele. Foi uma delícia. É um tempo comigo mesma, com ele criança e com ele agora pai dos meus quatro netos. É a viagem no tempo que falei antes. Porque não era só mais uma peça de teatro, é o encontro e reencontro num lugar diferente com todo o amor que existe e tudo que representa essa relação de mãe e filho. E tem também o amor em comum pelo teatro, pelo desejo de inventar, pelo prazer de estar no palco e pela beleza desse universo de contar histórias. Ao mesmo tempo, eu ia percebendo as inquietações dele, a preocupação pelo mundo que habitamos e a pergunta: “que lugar é esse que vamos deixar para os filhos e netos?”, a urgência de uma mudança de consciência sobre as ações humanas no planeta. E é sobre isso que ele quer falar “A Máquina do tempo”, mas fala de uma maneira lúdica, para crianças e adultos também sobre essa urgência. E sobre uma ideia para adiar o fim do mundo.

SERVIÇO

PERIGOSAS DAMAS

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 21/7, de quinta a domingo (19h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

A MÁQUINA DO TEMPO

Teatro Municipal Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Planetário da Gávea)

De 20 a 28/7, aos sábados e domingos (16h)

Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 25 (meia) e R\$ 20 (Lista amiga*)

*Enviar o nome para o e-mail: amaquinadotempoteatro@gmail.com

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Muitas vezes cantarolar “Somos Todos Iguais Nessa Noite” nos dá um certo alívio em nosso encontro com uma humanidade corriqueira. Em outros momentos, garantir a nossa individualidade, as nossas diferenças, o nosso eu sou eu, mais eu e muito eu. Quando se alcança exatamente isso é um enorme ganho: mostra-se o individual para nos apresentar a condição humana, a matriz da arte. “A Visita” consegue esse efeito com acerto.

Um monólogo rápido e certeiro com um figurino que acompanha o estado da alma da personagem vivida por Carol Duarte, com desempenho extraordinário, uma executiva em burn-out, quando a pessoa enlouquece das pressões da sociedade do desempenho, do capitalismo Instagram, quando tudo o que se faz tem que receber likes.

Outras méritos são realizados pelos outros dois pés que realizam um espetáculo de excelência: texto e direção. O texto de Aline Klein vai na contramão da maioria dos espetáculos atuais. O teatro de libelo ou de teatro

de nicho com seus recortes focam o drama do humano em um ponto. O enlouquecimento por pressão acontece com todo e qualquer é

um dos mais graves males de nossa sociedade. Desde o jardim de infância até o doutorado, do faxineiro ao presidente da empresa, a lou-



Somos todos iguais

Em ‘A Visita’, Carol Duarte é uma executiva com burn-out

Divulgação

cura se apresenta na vida e é evidência na joia que é o texto de Aline.

A direção de Murilo Basso localiza a ação em um ambiente difuso, com a iluminação que aguça o que acontece, com Carol, o personagem não é nomeado, assim como a visita, parada na vertical, no meio de algo que a prende sem ferros. E aí se dá o fenômeno, com uma expressão corporal, com movimentos amplos e contidos, raivosos ressentidos, Carol não sai do lugar, assim como a sua vida.

Em um tempo curto, não há nada além. É conciso, enxuto, impactante. Ah e A Visita? É alguém do trabalho da personagem, mas funciona como um interlocutor que é o gatilho da epifania: gritar, revoltar-se, se expor, denunciar. Quando acaba, sentimos inveja da coragem e da ousadia da mulher. Eu e a torcida do Flamengo adoráramos gritar contra a sociedade atual. Salve Carol! Salve Aline! Salve Murilo!

SERVIÇO

A VISITA

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1 - Centro)

Até 6/8, segundas e terças (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Salve Leci Brandão

Para reverenciar a vida e a obra de Leci Brandão, o diretor Luiz Antonio Pilar leva o musical “Leci Brandão - Na Palma da Mão”, com texto de Leonardo Bruno, para apresentações gratuitas nesta sexta (19), às 19h, na Areninha Hermeto Pascoal (Bangu); no sábado, às 20h, na Areninha João Bosco (Vista Alegre); e no domingo, às 19h, na Arena Jovelina Pérola Negra (Pavuna). O musical foi Vencedor do Prêmio Shell de Teatro na categoria “Direção”, com Tay O’Hanna e Verônica Bonfim interpretando Leci e sua mãe.

Alberto Maurício/Divulgação

Divulgação



Stephany Lopez/Divulgação



Oficinas de criação

O Centro de Artes Casa da Rua do Amor abre inscrições para duas oficinas voltadas a crianças, jovens e adultos, sempre às quartas-feiras, até novembro. A Oficina de criação Artística para infância, com duas turmas, das 14h às 16h e 16h às 18h. Teatro de Bonecos, Danças Populares, Desenho, Criando e Contando Histórias e Brinquedos e Brincadeiras (@liilvaz). A Oficina de Prática de montagem teatral para jovens e adultos (a partir de 16 anos) com Giselle Flôr (@giselle.flor.07). Toda quarta, 18h às 21h, finalizando com uma apresentação teatral em novembro.



Teatro na Baixada

Os alunos da primeira Turma de Formação em Teatro da Escola Popular de Teatro da Baixada celebram a conclusão do curso com duas apresentações do espetáculo “Altura Suficiente”. As apresentações acontecerão nos próximos dias 21 de julho, às 18h, e 22, às 20h, no Teatro Firjan Sesi de Duque de Caxias. A partir de histórias reais acontecidas nos trens do Rio de Janeiro, a peça reflete sobre as diferentes relações sociais presentes nos vagões, trilhos e estações ferroviárias, denunciando os tantos problemas que afetam diariamente a vida das pessoas.

ÓPERA**IL TRITTICO**

*Apresentação da trilogia de Giacomo Puccini composta pelas óperas de um ato "Il tabarro", "Suor Angelica" e "Gianni Schicchi" com coro e Orquestra do Theatro Municipal. Dias 19, 25 e 27/7 (19h) e 21/7. A partir de R\$ 10

SHOW**JOVINO SANTOS NETO**

*Discípulo de Hermeto Pascoal, o pianista, flautista e compositor radicados nos EUA retorna à sua cidade natal apresentação única. Seu trabalho autoral lhe rendeu três indicações ao Grammy Latino. Sex (19), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

BAIXADA JAZZ BIG BAND

*A banda formada por músicos da Baixada rende homenagem ao trompetista Altair Martins, um dos fundadores do grupo, falecido em setembro. Sex (19), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

DINO FONSECA

*O cantor e compositor mineiro apresenta versões acústicas para clássicos do rock internacional. Sex (19), às 22h, no Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 60

TEATRO**LEÃO ROSÁRIO**

*Espetáculo solo com o ator Adyr Assumpção, vozes e objetos inspirado em "Rei Lear", clássico da maturidade de William Shakespeare, e em Arthur Bispo do Rosário, artista visual que trilhou os caminhos da arte e da loucura. Até 28/7. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66), de qua a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

QUIMERA

*Com dramaturgia de Pedro Fonseca e direção de Jailton Maia, o espetáculo convida a questionar temas como o acaso e o destino. Até 21/7, de qua a sáb (20h30) e dom (19h30). Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 - L 213, Shopping Fashion Mall, São Conrado). R\$ 50, R\$ 25 (meia) e R\$ 20 (ingressos promocionais)

*Il Trittico*

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Luis Carlos Lobo/Divulgação

*Quimera***GOSTAVA MAIS DOS PAIS**

*Filhos de dois craques do humor, Bruno Mazzeo e Lúcio Mauro Filho refletem as dores e delícias da herança artística de Chico Anysio e Lúcio Mauro. Até 11/8, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja A - Leblon). A partir de R\$ 39,60 (meia)

EU, ROMEU

*Espetáculo da Adorável Companhia, de Guapimirim, na Baixada Fluminense, reconta "Romeu e Julieta", de Shakespeare, colocando em cena um ator preto e suburbano (Marcos Camelo) para discutir estereótipos e preconceitos. Até 27/7, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glaucê Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Divulgação



Jovino Santos Neto



Passinho da ZO

O POETA AVIADOR

*Comédia dramática coloca uma lupa sobre uma família interracial de classe média às voltas com questões do filho pré-adolescente. Até 21/7, de qui a dom (20h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e grátis (PCG)

BABY, VOCÊ PRECISA SABER DE MIM

*Com texto e atuação de Rafael Primot, direção de Rafael Primot e Rodrigo Frampton e participação em off de Marjorie Estiano, o espetáculo acompanha a relação entre dois irmãos diante da proximidade da morte da mãe. Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea, 2º Piso). Até 8/8, aos sáb e dom (20h). R\$ 100, R\$ 50 (meia) e R\$ 35 (ingresso social)



Casa-Tempo: Assentamentos

Divulgação

Dino
Fonseca**DANÇA****PASSINHO DA ZO**

*Segue a 3ª edição do evento que visa fomentar e difundir o passinho por meio de ações em diferentes bairros da Zona Oeste. Neste sáb (20), às 14h, workshop + treino com a Collab ZO Artes. Estrada da Tutóia, 1980 - Cosmos. Grátis

INFANTIL**PLUFT, O FANTASMINHA**

*O texto clássico da premiada autora infantil Maria Clara Machado (1921-2001) ganha nova montagem com viés contemporâneo. Até 28/7 no Teatro Tablado (Av. Lineu de Paula Machado, 795 - Lagoa). Sáb e dom (17h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

EXPOSIÇÃO**ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE**

*A mostra inédita mergulha no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas brasileiras do século 20. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Grátis

CASA-TEMPO: ASSENTAMENTOS

*O artista plástico Thiago Modesto apresenta xilogravuras que retratam o componente rural na ocupação de

Divulgação



Baixada Jazz Big Band

espaços do Rio de Janeiro como a região de Jacarepaguá e a Baixada Fluminense. Até 31/8, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Grátis

TERROSA

*A artista plástica Mery Horta mergulha em cores, cheiros e texturas e cria um universo permeado por seres que surgem da terra em sua segunda individual. Até 31/8, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural dos Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Grátis

PAISAGENS RUMINADAS

*Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, considerado um dos mais emblemáticos representantes do movimento conhecido como Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

LUZES DA COREIA

*Um mergulho em uma das mais populares tradições coreanas a partir da experiência imersiva com instalações. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos numa experiência única. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia)

EVENTO**ARRAIÁ DE DUQUE DE CAXIAS**

*a 1ª Edição do evento julino homenageia Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, na inauguração da Nova Arena da Baixada com shows de Belo, Falamansa, Zezé Di Camargo, além de danças de quadrilhas, touro mecânico e muito mais. 19 a 21/7. Grátis

ENTREVISTA / NEVILLE D'ALMEIDA, CINEASTA

'Vivemos uma política do um edital na mão e nenhuma ideia na cabeça'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Neville D'Almeida chegou ao streaming, "A Dama do Lotação", fenômeno popular visto por 6.509.134 pagantes em circuito, está na Netflix, apresentando às novas gerações uma das estéticas mais patrulhadas e censuradas de todo o nosso cinema. Paralelamente à sua estadia na mais famosa das plataformas, o cineasta mineiro apresenta uma série de videoartes na mostra comemorativa no Estação NET Rio. Neste sábado (20), às 16h, a Casa França Brasil projeta em seu cineclube o cult que levou Neville ao Festival de Cannes, "Jardim de Guerra" (1969), seguida de debate com o diretor. Em meio ao resgate de seu legado, Neville investe em novos projetos, com "A Dama da Internet" e uma nova investida no universo de Nelson Rodrigues (1912-1980), de onde tirou "A Dama do Lotação", além de preparar uma instalação, aperfeiçoando suas técnicas de artista plástico. Na entrevista a seguir, ele antecipa o que vem pela frente.

Neste momento em que 'A Dama de Lotação' chega à Netflix, o cinema brasileiro sofre com uma das maiores crises de esvaziamento de público de sua história. Como você vê essa desconexão com as plateias?

Neville D'Almeida: Nosso público está sufocado pela produção estrangeira, com quase 90% do espaço exibidor tomado por Hollywood e outras produções internacionais. Tem canal que só faz falar de bastidores dos filmes hollywoodianos. É um bombardeio mental.

Mas você vê alguma reação por parte do



Divulgação

nosso cinema?

Vivemos no país uma política do 'Um edital na mão e nenhuma ideia na cabeça'. Tem muita gente que não conhece a história do nosso cinema trabalhando, e de forma colonizada. Até os grandes festivais – Cannes, Veneza e Berlim – se colonizaram por Hollywood e, quando abrem para outras estéticas, só recebem os mesmos amiguinhos. Pelo que eu vejo hoje, tenho a sensação de que a novela "Renascer", atualmente no ar, é melhor do que pelo menos uns 500 filmes que chegaram por aqui. Ela pelo

menos tem o Walter Carvalho como um de seus diretores. Mas eu vejo uma saída. Essa saída está em espaços de resistência como os cineclubes, como os eventos que o Estação tem feito, dando voz a estéticas variadas.

O que o streaming hoje pode representar para a sua obra?

Fui boicotado por todos os lados quando "A Dama do Lotação" estava nascendo e quando estreou, mas agora, 46 anos depois, ela chega à Netflix, que pode leva-la para o mundo todo.

Sinto que o povo brasileiro precisa ter acesso a filmes que prestam. Aliás, acho bem importante que existam streamings variados para exibir de tudo.

Qual foi o momento mais emocionante das filmagens de 'A Dama do Lotação'?

"A Dama do Lotação" foi combatido pelas patrulhas ideológicas e sexuais mas sobreviveu. Passei sete anos idealizando o projeto, sonhando com o filme pronto. Nesse período, morando em Londres, eu ia em brechós e comprava roupão e calcinha para a personagem. Nelson Rodrigues confiou em mim, acreditando que eu ia conseguir os recursos para poder comprar os direitos e levantar o projeto, e deu certo. Cada dia da filmagem eu agradecia a Deus por aquela oportunidade. Revendo o que fizemos, eu vejo como é boa a atuação da Sonia Braga. Se a Meryl Streep tem três Oscars, a Sonia deveria ter 12.

O que ainda fascina na obra de Nelson?

O maior defeito dele foi ter escrito as maravilhas que ele escreveu em português, pois se tivesse escrito em inglês ou espanhol, ganharia o mundo. O segundo defeito era ter talento e genialidade, coisas que ninguém perdoa neste país. Nelson não tem cabresto. Tem uma genialidade sem limites. Estou numa movimentação para adaptar mais um texto dele. Quero filmar "Anti-Nelson Rodrigues".

O que justifica esse interesse?

Ali ele quebra seus paradigmas, arrisca um happy end, não fica preso às próprias convenções, comprovando o quanto era grande.

Neste sábado, o Cine Grande Otelo leva à Casa França Brasil seu "Jardim de Guerra", que serve de gênese à sua obra de longas. O que significa reencontrar suas origens?

Por culpa dos fariseus da cultura, filmei menos do que deveria. Saí de dois fenômenos de público ("A Dama do Lotação" e "Os Sete Gatinhos") e passei anos sem ganhar um edital. Os produtores me boicotavam, os exibidores me patrulhavam. A perseguição dos distribuidores foi grande. Mas estou aqui.

Está no cinema e nas artes plásticas e visuais, vide as videoartes na mostra da Cavidéo. Tem mais algum trabalho nessa área a caminho?

Tem. Se chama "Catedral", uma instalação inspirada em elementos sacros, feita com cordas, e que pode ser usada como tela para projetar filmes.

A nova sessão de Peter Bogdanovich

Retrospectiva na Caixa Cultural resgata o legado do realizador de cults como 'Lua de Papel'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Pouco antes de sua morte, em 6 de janeiro de 2022, Peter Bogdanovich conversou com o Correio da Manhã sobre um filme que então preparava, mas fora prejudicado pelos confinamentos impostos pela covid-19: "One Lucky Moon", uma comédia ambientada em parque temático do Velho Oeste. Trabalhava, àquela ocasião, em dois livros. Um se chamava "Five American Icons", centrado na mitologia cinéfila em torno de Lauren Bacall, Kirk Douglas, Arthur Miller, Clint Eastwood e Jack Nicholson. O outro título se chama "But What I Really Wanna Do Is Direct", uma espécie de diário com citações e anotações de sua carreira.

Uma das carreiras de maior prestígio da chamada Nova Hollywood (também batizada de Geração Easy Rider), a turma de diretores /es que mudou a maneira de se filmar nos EUA, entre 1967 e 1981. Gênios como Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, Brian De Palma, Elaine May, George Lucas e Steven Spielberg apareceram ali, com a uma postura de engajamento social, fazendo uma cartografia das desilusões inerentes ao sonho americano. Cada um à sua maneira rompeu com os ditames dos estúdios, num casamento feliz (e raro) entre autorialidade e sucesso de bilheteria em série.

Bogdanovich encheu os cofres dos exibidores com "Essa Pequena É Uma Parada" (1972) e "Lua de Papel" (1973), longa-metragem de abertura de uma mostra em deferência a esse singular realizador que a Caixa Cultural inaugura na terça-feira. O professor Pedro Henrique Ferreira assina a curadoria do evento, que resgata a personalidade com-



Bogdanovich encheu os cofres dos exibidores nos anos 1970

bativa de um diretor que nunca largou a escrita de lado, sempre atento a artistas seminais para a formação do audiovisual.

"Eu comecei a filmar num momento em que o cinema acreditava ser capaz de transformar um mundo que estava mudando tragicamente diante de nós", disse Bogdanovich ao Correio em 2018, quando lançou o documentário "The Great Buster" no Festival de Veneza.

Naquele mesmo evento, ele se empenhou ao lado da Netflix para ajudar no lançamento de "O Outro Lado Do Evento", colossal filme de Orson Welles (1915-1985) que passou décadas inacabado e inédito. Bogdanovich é ator nessa produção e fez um livro lendário com Welles, sobre a vida e a obra do diretor de "Cidadão Kane" (1941).

"É engraçado ver que eu estou bem em cena, pois Orson foi um grande diretor de atores. Surpresa foi conferir o desempenho de John Huston (um os maiores cineastas dos EUA, famoso por clássicos como "Relíquia

macabra" e "O Tesouro de Sierra Madre") como protagonista. Welles teve brigas com os produtores dos anos 1970. Só montou 40% do filme. O assustador é que, um dia, durante um almoço em meio às filmagens, ele me fez prometer que eu terminaria o filme por ele, caso ele morresse", disse Bogdanovich, que estreou nos longas com "Na Mira da Morte" (1968) dirigindo o eterno monstro de Frankenstein: Boris Karloff (1887-1969).

"Eu havia feito pelo menos umas 30 peças como ator quando comecei a rodar esse filme, e já havia dirigido uns sete espetáculos de teatro. Tinha ainda trabalhado como diretor assistente de Roger Corman em 'Os Anjos Selvagens', de 1966. Alguma experiência eu tinha. Foram cinco dias de trabalho com Boris, só. Ele já estava bem velho à época, mas foi muito colaborativo. Eu tive 23 dias para rodar o filme, com tempo nenhum a perder. Filmamos em 1967 e lançamos só em 68, porque a montagem atrasou e eu custei a vendê-lo para um distribuidor. Mas estrea-

mos logo após terem matado Bob Kennedy. Imagina o que foi, naqueles dias, lançar um filme sobre um atirador de elite psicopata no momento em que assassinam a tiros um dos senadores de maior popularidade dos EUA", falou o cineasta, em entrevista de 2021.

Na programação da Caixa Cultural, "Na Mira da Morte" passa no dia 27, às 15h40. No dia anterior, sexta, dia 26, às 17h30, a retrospectiva exhibe o trabalho mais aclamado de Bogdanovich, "A Última Sessão de Cinema" (1971), um drama em P&B sobre a perda da inocência da juventude do Texas, em 1951, tendo uma velha sala de projeção como ponto de encontro – que mais lhe deu projeção na indústria. Dois Oscars de melhor coadjuvante, dados a Cloris Leachman e Ben Johnson (numa atuação antológica), imortalizaram o longa.

"Minha vida mudou ali, com aquele filme, pois ele fez de mim alguém que a indústria queria escutar. Até aquele momento, o cinema americano existia para fabricar astros e estrelas. Era uma usina que fabricava figuras como James Cagney, Humphrey Bogart. A minha geração chegou disposta a fabricar algo além. Queríamos fabricar filmes, filmes pessoais. Queríamos que as pessoas saíssem de casa para ouvir as nossas histórias. Para isso, demos às plateias realismo, atenuando o escapismo pleno da era clássica. Uma era que não pode ser nunca esquecida. Nunca penso no cinema dos anos 1970, nos EUA, como sendo um movimento ou uma revolução.

Foi apenas uma troca de turno, uma passagem de bastão", disse Bogdanovich, que entrevistou os maiores baluartes da arte cinematográfica no livro "Afinal, Quem Faz Os Filmes", lançado aqui pela Cia das Letras. "É necessário que se conheça Howard Hawks, John Ford e outros grandes diretores cuja obra exige a força da tela grande. Os streamings hoje têm muita coisa boa em suas grades. Mas eles não substituem o ritual de se mobilizar até uma sala de exibição e se deixar comover".

Na quarta, a Caixa exhibe duas pérolas de Bogdanovich: às 15h40, rola "Um Amor A Cada Esquina" (2014); e, às 17h40, acontece a exibição de "Impróprio para Menores" (1992).

Divulgação

Revelada em Cannes, cinebiografia do empresário e ex-presidente americano ganha novos holofotes após atentado a seu biografado, sendo ameaçada de processo por trumpistas

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Após o atentado a tiros contra Donald Trump, na Pensilvânia, no último sábado, um filme que se dedica a revelar segredos do passado do empresário e ex-presidente ganha holofotes e vê seu papel se ampliar nas especulações acerca do Oscar 2025. “The Apprentice” é o título do longa-metragem, que fez sua estreia mundial no Festival de Cannes, em maio, em disputa pela Palma de Ouro. Sua passagem pela Croisette foi cercada de elogios,

Alvo: Donald Trump



Divulgação

Sebastian Stan encarna o empresário e ex-presidente Donald Trump em 'The Apprentice'

com destaque para o desempenho do ator Sebastian Stan.

A produção é uma cinebiografia não autorizada do ex-líder estadunidense, que sonha retornar à Casa Branca. Quem tem dúvidas sobre os ditames morais do empresário e outrora estadista tenderá a não apoiá-lo depois de assistir ao retrato de sua juventude que o diretor

escandinavo de origem iraniana Ali Abbasi (de “Holy Spider”) produziu, tendo Stan no papel central.

“Não é um filme sobre Trump, mas sim um filme sobre o sistema, sobre como o sistema funciona e como o poder se articula com ele. A ideia de que os Estados Unidos estão divididos é uma ficção, pois as pessoas que parecem estar em la-

dos opostos frequentam as mesmas festas. Acho que (o escritor) Kurt Vonnegut definiu bem a situação ao dizer: ‘Na América ó existem dois partidos: os vencedores e os derrotados.’ Esse é o esquema”, disse Abbasi, que chamou a atenção da crítica com o thriller “Border” (2018). “Não sei se Trump vai desgostar do nosso filme. Talvez ele se

surpreenda”.

Para um artista que acredita não ser otimista, Abbasi anda confiante demais na boa vontade de Trump, uma vez que “The Apprentice” devasta as supostas virtudes que seu personagem central poderia ter. O roteiro é centrado no processo de amadurecimento de Donald T entre os anos 1970 e a década de 1980 a partir da relação de aprendizado que ele estabelece com o poderoso advogado Roy Cohn, vivido por Jeremy Strong (da série “Succession”). Roy vira um mentor que ensina a seu pupilo as manhas sobre como vencer nos negócios no apogeu do capitalismo consumista. A Trump Tower é o primeiro dos acertos de seu “aluno” que, pouco a pouco, trai a confiança do mestre. Desrespeita ainda sua mulher, Ivana (Maria Bakalova), submetendo-a a uma violência sexual. Por isso (e mais um pouco), o comitê Trump quer processar o filme. Mas Abbasi não teme represálias.

“Nossa ideia é lançar o filme em setembro, em meio à campanha eleitoral. As eleições serão o nosso marketing”, disse o cineasta, que arranca de Stan uma atuação magistral.

Conhecido na seara pop de Hollywood pelo papel do super-herói Soldado Invernal, da Marvel, ele ganhou o Urso de Prata de Berlim, em fevereiro, por “A Different Man”. “Nossa esperança é que as pessoas vejam o filme”, disse Stan ao Correio da Manhã.

Do prédio azul para a Cidade Maravilhosa

Rio é a locação do quarto filme da franquia DPA

Depois de levarem quase três milhões de espectadores aos cinemas com os primeiros filmes da franquia, os Detetives do Prédio Azul retornam às telonas com “D.P.A. 4 - O Filme” em mais um sucesso inspirado na série do Gloob, canal infantil da Globo. O longa, que começou a ser ro-

dado no Rio, trará uma divertida aventura da nova geração dos detetives, Mel (Emilly Puppim), Zeca (Stéfano Agostini) e Max (Samuel Minervino), na festa de dez mil anos de Berta (Suelly Franco) no fantástico Reino de Ondion.

Com produção da Conspiração e coprodução do Gloob e da Globo Filmes, o filme é dirigido por Mauro Lima e baseado na série criada e escrita por Flávia Lins e Silva, que também assina o ro-



Divulgação

A franquia DPA chega a seu quarto longa

teiro junto com João Costa Van Hombreeck e Teresa Cris Tavares. Além do elenco principal da

série de maior sucesso do Canal Gloob, o filme conta também com Nicole Orsini (Berenice), Cléo

Faria (Brisa), Ronaldo Reis (Severino), Cláudia Netto (Leocádia), Charles Myara (Theobaldo), Anna Sophia Folch (Rúbia) e Carol Futuro (Sissi). Uma novidade do longa é a chegada de Gabriel Braga Nunes, que será o vilão Rumorum, Erika Januza, no papel da Rainha Astúria, Érico Brás, que interpreta Rei Norton e Fabiula Nascimento, que vive Ludovica.

A produção terá locações como o Palácio das Laranjeiras, a Assembleia Legislativa e o Salão Nobre do Fluminense, em Laranjeiras. O longa contará ainda com produção virtual e a tecnologia de filmagem em LED, assim como grandes filmes internacionais.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Devotado neste momento à realização do filme de gângster “American Nails”, com seu habitual parceiro Willem Dafoe e Asia Argento, Abel Ferrara vem ocupando cada vez mais espaço nas plataformas de streaming. Um de seus filmes recentes de maior destaque, “Zeros e Uns” (“Zeros and Ones”), inédito no Brasil desde 2021, enfim ganha espaço no país via Amazon Prime. Há três anos, o longa-metragem rendeu ao cultuado realizador ítalo-americano o prêmio de Melhor Direção no Festival de Locarno, na Suíça. Ethan Hawke, seu protagonista, está em estado de graça em cena.

Em 2022, Cannes também cobrou holofotes para “Zeros e Uns” ao convocar Hawke para lançar lá seu .doc sobre astros e estrelas, a partir da relação entre Joanne Woodward e Paul Newman. “Eu estou nesse negócio de cinema desde quando ainda era uma criança e aprendi os percalços pelos quais os cineastas passam. É só lembrar quando saiu ‘Sociedade dos Poetas Mortos’. Eu era moleque, sem experiência alguma, e tinha que ir pra festivais mundo afora representar o Peter Weir, mesmo sem ter nada a dizer, pela falta de maturidade, quando as pessoas estavam à espera de Robin Williams”, disse Hawke ao Correio da Manhã em uma homenagem recebida no Festival de San Sebastián.

Lançado nos EUA em novembro de 2021, meio na surdina, sem fazer alarde, “Zeros e Uns” tem alcançado os olhares (e o aplauso) da crítica internacional devagarzinho, mesmo espaço em tela à altura de sua potência. Ao cruzar experiências de textura de vídeo com a linguagem do Zoom e com a cartilha dos filmes de espionagem, o diretor de “Vício Frenético” (1992), cria um mosaico plástico que renova, formalmente, o filão. Só “Guerra Sem Cortes” (“Redacted”), que deu a Brian De Palma o prêmio de melhor direção em Veneza, em



Ethan Hawke se divide em dois papéis em ‘Zeros e Uns’, sob a direção de Abel Ferrara

Abel nas garras de Caim

Dois anos depois de sua passagem pelo Festival de Locarno, ‘Zeros e Uns’, com o astro Ethan Hawke, que rendeu um Leopardo de Melhor Direção ao realizador italiano, ganha a grade da Amazon Prime

2007, atingiu algo tão possante na decantação da linguagem cinematográfica a partir de um diálogo com os códigos do YouTube. Na dramaturgia, Ferrara inflama (e joga sal sobre) as velhas feridas

abertas na geopolítica internacional pelas práticas intervencionistas dos EUA. Os diálogos, ferocíssimos, abrem-se a pérolas como “Jesus foi apenas mais um soldado, uma casualidade de

guerra”. Esse desenho narrativo híbrido de videoarte, artes plásticas, colagem de pinturas e suspense ganha um colorido a mais do carisma de Hawke, dividido em dois papéis.

“Sempre acreditei que meu trabalho começa nas minhas escolas. E sempre quis trabalhar com Ferrara, sobretudo depois de ver o que ele vem fazendo com Willem Dafoe ao longo dos anos”, disse Hawke num vídeo enviado a Locarno.

Em “cartaz” nas livrarias com o romance “Código de um Cavaleiro”, lançado aqui pela Harper Collins, Hawke encontrou em Ferrara um parceiro valioso, em meio a uma carreira pontuada por trocas com mestres como Hirokazu Koreeda, Peter Weir, Rebecca Miller, Antoine Fuqua, Andrew Niccol e Richard Linklater (de quem também é parceiro de escrita). Sob a orientação de Abel, ele interpreta um militar americano, conhecido como J.J. O tal soldado vai até Roma (onde Abel mora) para uma missão antiterrorista. É o que parece, pelo menos, até sabermos que ele tem um irmão gêmeo, que corre perigo em meio a uma célula de terror que parece jihadista

ao expor questões religiosas. Tais questões só reforçam o traço autoral de Ferrara.

“Estamos carentes de autoentendimento no mundo e não é apenas pela pandemia. Falta um espaço para as pessoas se olharem nestes dias em que tudo é conectado e onde se ruma pouco as narrativas que a gente consome, Carecemos de gentileza para com as pequenas coisas que nos cercam”, disse Ferrara ao Correio da Manhã em Berlim, em 2020, quando lançou “Sibéria”, um drama existencialista classificado como obra-prima, e exibido na Mostra de São Paulo.

Mas em “Zeros e Uns”, o diretor de “Rei de Nova York” (1990) e “Maria” (Grande Prêmio do Júri em Veneza, em 2005), se supera, unindo o melhor dos dois mundos de sua obra. Temos, de um lado, a experimentação (quase no plano da textura) e, do outro, a habilidade de investigar a brutalidade como um cronista do desassossego alimentado pela contravenção. Este ano, na Berlinale, Ferrara exibiu uma experiência documental inédita: “Turn In The Wound”, com a cantora Patti Smith.

CRÍTICA / LIVROS

Textos para o inverno

Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

Já que o inverno este ano emplacou em muito recanto quente de Pindorama, listar sugestões de leituras para essa temporada de aconchego na rede é obrigatório. Passando por prosa poética, reflexão a respeito do momento, a crônica de uma amizade, uma pesquisa detalhada do quanto um artista incomoda os conservadores, esses livros ficcionais ou ensaísticos combinam perfeitamente com dias longos de introspecção, como bem pede a estação.

A sonoridade poética de *Erês, guris, bacuris e outros putos* (Kimera, R\$ 48) começa no título escolhido pelo escritor, roteirista e dramaturgo Tonio Carvalho, que estreia na literatura para adultos com contos que retratam a vida miserável de crianças, destacadas sob as diferentes denominações recebidas em países lusófonos. Se a realidade brasileira é facilmente reconhecida nos cenários que acolhem as populações pobres – e onde esses moradores sofrem assédios constantes pela violência do Estado ou dos que não conseguem se integrar à sociedade –, o curto período de existência desses invisíveis sociais se apresenta em outros países, nos quais a infância só tem componente lúdico para quem, por acaso biológico, nasceu em berço de ouro.

Descrito como o inventário de décadas da amizade do jornalista Bosco Martins e do poeta Manoel de Barros, *Diálogos do ócio* (De los Bugres, R\$ 70) é um verdadeiro dossiê sobre o es-

critor, que morreu há dez anos. Fotografias, trechos de cartas, fragmentos de entrevistas, declarações de Barros e de seus amigos

sobre sua persona e obra poética estão no livro que permite traçar tanto um perfil multifacetado do homem por trás do artista mato-

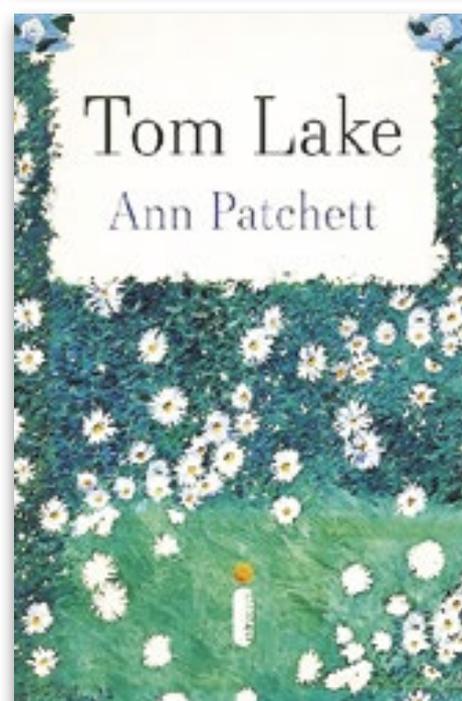
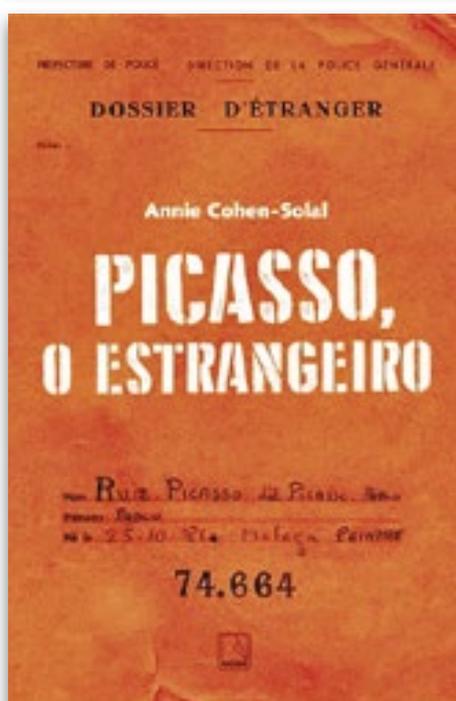
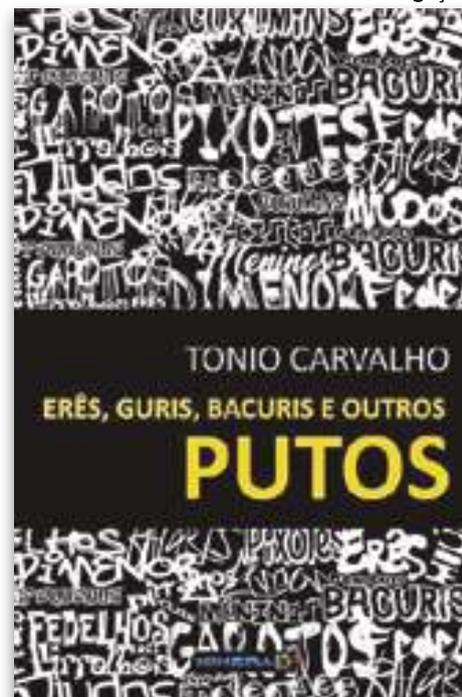
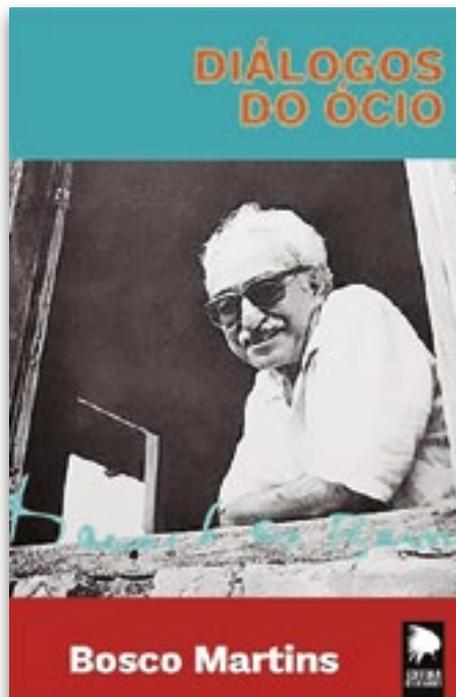
-grossense quanto destacar a importância de sua criação para a literatura brasileira.

Nas primeiras décadas do

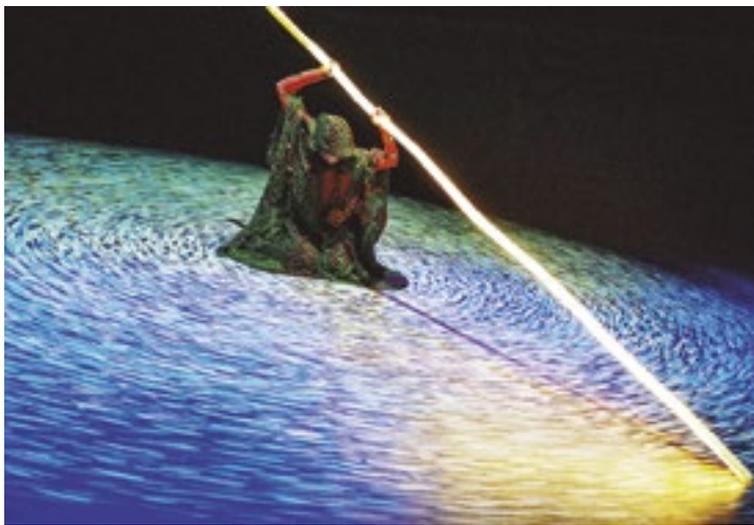
século XX, Paris era a Meca dos artistas do mundo todo. Além dos escritores que mudaram a estrutura do romance na época (F. Scott Fitzgerald, James Joyce, Ernest Hemingway), não foram poucos os pintores que se encontraram na capital francesa, entre eles o espanhol Pablo Picasso, que, ao longo do século seria considerado o maior entre todos os artistas plásticos de sua época. Radicado na França, ele jamais obteve cidadania no país, onde por muito tempo não conseguia expor seus trabalhos devido às posições políticas e também ao estilo de vanguarda de suas obras. Picasso, o estrangeiro (Record, R\$ 93), da historiadora Annie Cohen-Solal trata da vigilância em torno do artista que escolheu viver na no Sul da França, contribuindo para divulgar a cultura francesa.

A bucólica capa de *Tom Lake* (Intrínseca, R\$ 62,90), de Ann Patchett, contrasta – e muito – com o texto delicado, mas melancólico das recordações de uma ex-atriz sobre seu namoro de juventude com um astro do teatro e cinema. Isoladas na fazenda da família, em Michigan, as três filhas de Lara pedem que a mãe fale sobre “a vida de antes”. Em entrevistas, Patchett diz que dificilmente os filhos acreditam que a vida dos pais tenha sido interessante antes de iniciarem uma família. Essa convicção imatura foi a base do romance que trata não apenas das guinadas existenciais, mas que escolhas nem sempre se fundamentam no glamour e sim na compreensão e companheirismo, que Lara encontrou no pai das filhas.

Divulgação



Flávio Colker/Divulgação



Novo espetáculo da Cia Deborah Colker une obra de Stravinsky a mitologias originárias sobre a criação do mundo

A sagração da vida

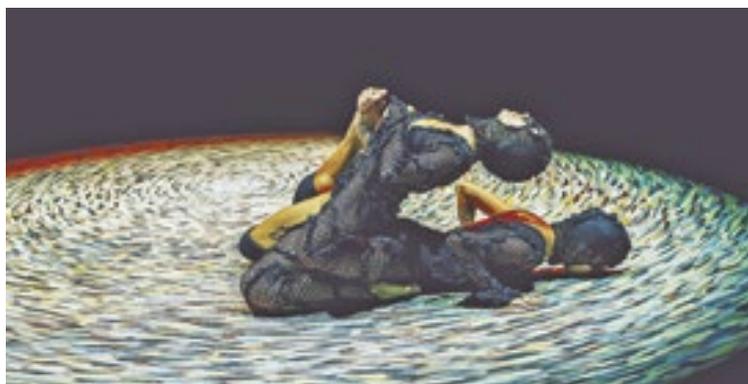
Após elogiada temporada em São Paulo, a companhia de Dança Deborah Colker retorna ao Rio para estrear, nesta sexta-feira (19) na Cidade das Artes, “Sagração”, o novo espetáculo de seu autoralíssimo repertório. Na obra que celebra o trigésimo aniversário da companhia, a música clássica de Stravinsky encontra ritmos brasileiros no espetáculo inspirado por visões ancestrais sobre a origem do mundo.

O processo criativo de “Sagração” durou dois anos e meio. O espetáculo é uma livre adaptação de “A Sagração da Primavera”, obra composta pelo russo Igor Stravinsky (1882-1971), que ganhou projeção mundial pela montagem estreada em 1913, com coreografia de Vaslav Nijinsky (1889-1950). A composição é considerada revolucionária por introduzir estruturas rítmicas e harmônicas nunca antes utilizadas em partituras.

“Quando decidi recontar esse clássico, pensei que teria de ser a partir da cosmovisão de povos originários do Brasil”, lembra Deborah, que também é pianista.



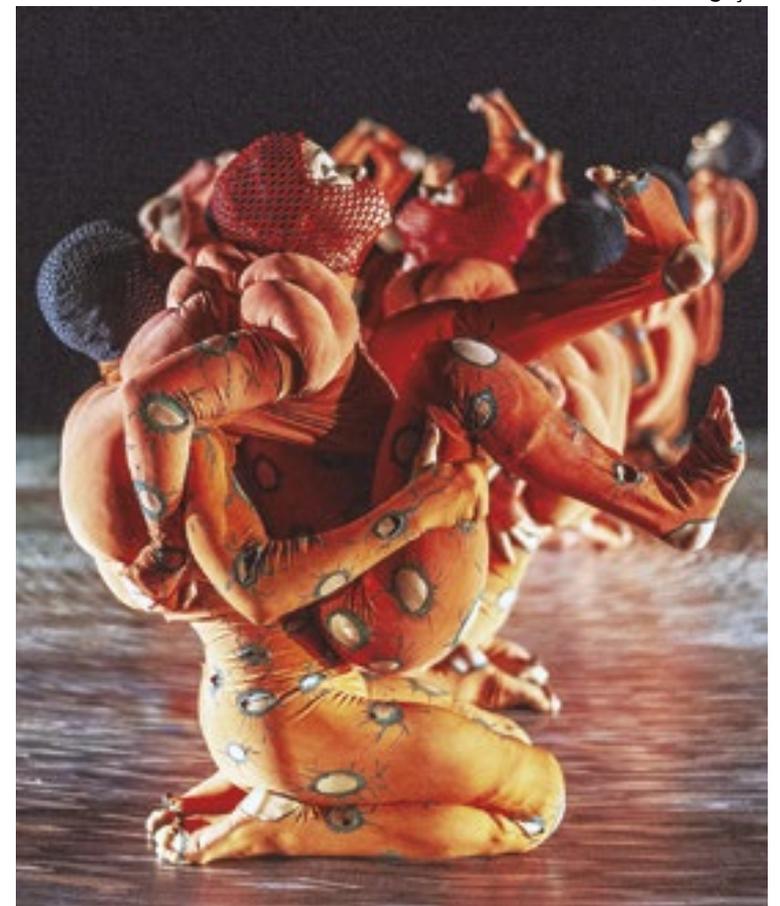
A coreógrafa Deborah Colker pensou a dramaturgia do espetáculo a partir da poesia presente em mitos e teorias que pensam a existência da vida em nosso planeta



“Stravinsky foi responsável por pontos de ruptura e provocação entre o erudito e o primitivo. ‘A Sagração da Primavera’ represen-

ta esses pontos de evolução da humanidade”.

Foi numa viagem para o Xingu, durante o Kuarup, e no en-



contro com as aldeias indígenas Kalapalo e Kuikuro, que Deborah conheceu Takumã Kuikuro. O cineasta Ihe contou como o povo do chão recebeu o fogo do Urubu Rei. Essa história é dançada e acompanhada por narração do próprio Takumã e faz parte da coleção de cosmogonias que a diretora reuniu para montar a dramaturgia do espetáculo.

“Tudo só poderia ter começado com uma mulher. Uma avó. A avó do mundo”, conclui Deborah, que, com a assessoria do rabino Nilton Bonder, revisitou a mitologia judaico-cristã. Do livro “Gênesis”, as passagens sobre Eva e a serpente e também Abraão ganham cenas que destacam momentos de ruptura. “São dois mitos que elaboram sobre a consciência humana: pela autonomia de uma mulher que desperta para caminhos interditados e transgride; e de um homem que sai da sua casa e cultura em direção a si mesmo”, destaca Bonder. Além das alegorias bíblicas, a coreógrafa também

buscou referências na literatura científica.

“A versão mais recente da nossa espécie é a Homo sapiens

sapiens que, assim como outros seres, precisa se adaptar constantemente”, pontua Deborah, destacando a presença das personagens que representam bactérias, herbívoros e quadrúpedes no espetáculo. “Nossa dramaturgia é feita da poesia presente em mitos e teorias que pensam a existência da vida em nosso planeta”. A coreógrafa, em parceria com o diretor musical Alexandre Elias, introduziu à partitura instrumental de Stravinsky a sonoridade pujante das florestas e ritmos brasileiros.

Boi bumbá, coco, afoxé e samba foram introduzidos à criação de Stravinsky. Aos acordes de instrumentos de orquestra, o diretor musical adicionou flauta de madeira, maracá, caxixi e tambores. Os paus de chuva também entram em cena no arranjo executado ao vivo pelos bailarinos.

SERVIÇO SAGRAÇÃO

Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca) | De 19/7 a 10/8, quintas e sextas (21h), sábados (19h) e domingos (18) | Ingressos a partir de R\$ 19,80

Bienvenidas, *empanadas*

Veja um roteiro do pastelzinho argentino que vem ganhando espaço nas casas cariocas

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Receita tradicional da culinária argentina, as empanadas, uma espécie de pastelzinho de forno com massa crocante e diversos tipos de recheio, caíram no gosto dos brasileiros e estão ganhando cada vez mais destaque nos cardápios dos restaurantes cariocas. Tradição entre os hermanos, elas têm até casas especializadas no assunto, como a La Guapa, da chef argentina Paola Carosella, que acabou de abrir sua primeira unidade carioca, em Copacabana, e a Las Empanadas, com lojas espalhadas pela zona sul e zona oeste do Rio. Confira abaixo um roteiro com casas que servem as tão desejadas empanadas:

Divulgação



La Guapa

Divulgação



Brewteco

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Arp Bar

Divulgação



Teva Deli

Divulgação



Tragga

Divulgação



Las Empanadas

ARP BAR – Na casa, com vista para o mar e localizada no térreo do Hotel Arpoador, o chef Lucas Lemos colocou no cardápio três opções de empanada em tamanho mini: carne de panela, queijo com cebola e basílico e camarão na moranga (R\$ 34 – 3 unidades). Rua Francisco Otaviano, 177 – Ipanema. Tel: (21) 3600-4041.

BREWTECO – A casa tem em seu menu diversas sugestões de empanadas. O comensal pode escolher entre os recheios de ragu de costela (R\$ 22), queijo com cebola (R\$ 20), carne picante (R\$ 20) e a vegana de berinjela (R\$ 20). Parque do Bondinho - acesso na Av. Pasteur, 520 – Urca. Tel: (21) 97083-9903.

CORTÉS ASADOR – É possível encontrar no restaurante de carne, localizado no Shopping Leblon, duas opções de empanadas: de carne ou queijo com cebola (R\$ 19 - R\$38). Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - lojas 410 e 411 – Leblon. Tel: (21) 3576 9707.

LAS EMPANADAS – Loja dedicada aos diversos sabores de empanada com unidades na zona sul e zona oeste carioca. Entre os diversos recheios oferecidos pela casa, destaque para o de carne picante (R\$ 13,90) e moqueca de camarão (R\$ 14,90) e a doce de leite (R\$ 13,90). Av. General Polidoro, 58 – Botafogo. Tel: (21) 99575-8129.

LA GUAPA – Na casa de empanadas da chef argentina Paola Carosella, que abriu sua primeira unidade carioca recentemente em Copacabana, o comensal pode encontrar 12 opções de empanadas, incluindo um sabor doce. Entre as sugestões está a Humita, com milho verde, queijo cremoso e manjerição fresco e a Julieta, com massa feita na manteiga, recheada com requeijão de corte, goiabada cascão e alecrim. Todas as empanadas custam R\$ 11,30. Rua Miguel Lemos, 67 – Copacabana. Tel: (21) 3437-5317.

TRAGGA – No tradicional restaurante de carnes, as empanadas também são muito procuradas como a Saltena (R\$ 18), feita com carne picada na faca, batata, pimentão e pimenta ou Criolla (R\$ 18) feita com carne agridoce, ovo, azeitonas pretas e passas. Rua Cap. Salomão, 74 – Humaitá. Tele: (21) 97969-0490.

TEVA DELI – No espaço de gastronomia criativa, sustentável, orgânica e 100% vegetal em Copacabana, o chef Daniel Biron criou empanadas 100% vegetais e orgânicas. Entre as opções de recheios estão a de caprese (R\$ 16), cogumelos com provolone (R\$ 14) ou queijo com cebola (R\$ 20). Av. Nossa Senhora de Copacabana, 1334. Tel: (21) 3237-1556.